

## INTERESSES CULTURAIS DO LAZER: PRÁTICAS VERSUS DESEJO DE VIVÊNCIAS DE SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS APOSENTADOS ANTES DA PANDEMIA

Recebido em: 12/12/2021

Aprovado em: 25/04/2022

Licença: 

*Paula Leite Antunes de Macedo*  
Universidade Católica de Brasília (UCB)  
Brasília – DF – Brasil

*Gislane Ferreira de Melo*  
Universidade Católica de Brasília (UCB)  
Brasília – DF – Brasil

**RESUMO:** O lazer é uma das alternativas almejadas pelas pessoas para o momento da velhice e da aposentadoria. O objetivo deste estudo foi identificar e comparar os interesses culturais do lazer mais praticados e os que os servidores públicos federais aposentados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação mais gostavam de praticar antes da pandemia. Identificou-se os mais praticados, em ordem decrescente: virtuais, esportivos, intelectuais, turísticos, manuais, sociais e artísticos, e os que preferiam: turísticos, sociais, esportivos, artísticos, intelectuais, manuais e virtuais. Assim, verificou-se que as atividades praticadas não condiziam com aquelas às quais desejariam se dedicar, dado esse que nos indica a necessidade de se trabalhar com a educação para e pelo lazer ao longo de toda a vida para que o lazer seja melhor vivenciado e usufruído quando chegada a aposentadoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de lazer. Educação. Idosos.

### CULTURAL INTERESTS OF LEISURE: PRACTICES VERSUS DESIRE FOR THE EXPERIENCES OF RETIRED FEDERAL PUBLIC SERVERS BEFORE THE PANDEMIC

**ABSTRACT:** Leisure is one of the alternatives desired by people for the time of old age and retirement. The objective of this study was to identify and compare the cultural interests of leisure most practiced and those that retired federal civil servants from the National Education Development Fund most liked to practice before the pandemic. The most practiced were identified, in descending order: virtual, sporty, intellectual, tourist, manual, social and artistic, and those who preferred: tourist, social, sports, artistic, intellectual, manual and virtual. Thus, it was found that the activities performed are not consistent with those they would like to engage in, which indicates the need to work with education for and through leisure throughout life so that leisure is better experienced and enjoyed when retirement comes.

**KEYWORDS:** Leisure activities. Education. Seniors.

## **Introdução**

Desde que conseguiu sobreviver diante das adversidades do ambiente, o homem já sonhava em prolongar a vida. As ideias sobre a velhice são tão antigas quanto a origem da humanidade. No entanto, os avanços da medicina e as melhorias socioeconômicas, os quais contribuem para o aumento da expectativa de vida e a melhoria da qualidade de vida, fizeram com que pensar em envelhecimento seja um fenômeno muito recente (SOUSA, 2017; NETTO, 2018).

Envelhecer diz respeito à própria evolução da vida. Trata-se de um processo dinâmico que dura a vida toda. O desenvolvimento humano, em especial o envelhecimento, mostra-se heterogêneo entre as pessoas, assim como as formas de enfrentar as dificuldades, e é influenciado por diversos fatores, tais como psicológicos, sociais, econômicos e políticos (ISAYAMA; GOMES, 2008; NETTO, 2018).

O fenômeno da aposentadoria também é um processo vivenciado de forma heterogênea por cada indivíduo. Quando é encarada como algo positivo, com construção de projetos de vida e práticas de atividades prazerosas, é denominada aposentadoria-liberdade; quando é associada à ausência de projetos e objetivos, à velhice, à morte e à inutilidade, se trata de aposentadoria-crise (FRANÇA, 2014).

Há variadas maneiras de utilizar o tempo livre na aposentadoria, tais como a possibilidade de continuar trabalhando ou trabalhar com algo novo, de se envolver em trabalhos sociais e causas religiosas e políticas, ou, ainda, com o lazer. Aliás, existe uma tendência de associar lazer e suas atividades com momentos agradáveis, dissociados das obrigações, em especial às do trabalho (FERRIGNO, 2016; GONÇALVES; HERNANDEZ; RONCOLI, 2018).

Há algumas formas e tentativas de classificar o lazer, e a tipologia proposta por Dumazedier ainda é a mais utilizada devido às suas respostas claras às necessidades de programação e conceituação no âmbito do lazer. Segundo essa, a partir de suas propriedades dominantes, as atividades do lazer são divididas em cinco categorias: físicas, manuais, estéticas, intelectuais e sociais (CAMARGO, 2017).

Os interesses culturais físicos são atividades que buscam o bem-estar pela movimentação do corpo, procuradas por pessoas com certa preocupação com a melhoria e manutenção da saúde. Aqui encaixam-se as mais diversas atividades corporais, inclusive as esportivas, praticadas de forma ativa ou contemplativa (SILVA; SAMPAIO, 2011; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Os interesses culturais estéticos/artísticos estão relacionados ao sonho e ao encantamento. Eles são caracterizados pelo imaginário, que se conecta com o senso de beleza e estética, não necessitando haver ligação com a realidade (SILVA; SAMPAIO, 2011; MARCELLINO, 2012; CAMARGO, 2017).

Nas atividades intelectuais, sente-se prazer em raciocinar. Portanto, são atividades de busca de informação, como leituras (jornais, revistas, pesquisas na internet), assistir a telejornais e documentários, com vistas a manter e ampliar o conhecimento que se tem sobre determinado assunto (SILVA; SAMPAIO, 2011).

Já o que predomina nas atividades de interesse cultural manual é o prazer por manipulações, consertos, criações e transformações de objetos e materiais, exercidas de forma descompromissada. Essas atividades costumam ser associadas aos hobbies (SILVA; SAMPAIO, 2011; MARCELLINO, 2012).

Os interesses culturais sociais são simbolizados pela busca dos relacionamentos interpessoais e do contato olho no olho, que faz com que as pessoas busquem estar

ligadas a um grupo. As festas são exemplos dessa interação social, assim como o ato de visitar alguém (SILVA; SAMPAIO, 2011; MARCELLINO, 2012).

Posteriormente à classificação dos interesses culturais de Dumazedier, se propôs um novo interesse cultural: o turístico. O desejo de praticar atividades turísticas no tempo livre é unânime em todas as faixas de renda e de escolaridade (PEDRÃO; UVINHA, 2017). A promoção da quebra da rotina por meio da mudança do estilo de vida e do ritmo normal e do contato com paisagens são atributos dessas atividades. Esses efeitos turísticos são possíveis de serem alcançados inclusive no usufruto dos equipamentos da própria cidade (SILVA; SAMPAIO, 2011; CAMARGO, 2017).

Em virtude do cenário contemporâneo e da nova configuração mundial, conectada por meio de rede, que trazem impactos na forma de viver e de se relacionar, Schwartz (2003) propõe a criação do sétimo interesse cultural do lazer: o virtual. Em 2011, Silva e Sampaio chamavam atenção para o poder de ampliação de opções de lazer com o advento da internet, em que é possível que pessoas que jamais teriam a chance, por questões sociais e econômicas, de experimentar os diversos outros interesses culturais do lazer, tais como conhecer diversos lugares no mundo, que conheçam pessoas de outros países, participem de eventos e tenham acesso a obras de arte e de literatura. Em 2021, em função das mudanças no estilo de vida ocorridas de forma global por intermédio da pandemia do novo coronavírus, o lazer praticado de forma virtual é uma realidade inserida no cotidiano das pessoas como alternativa à manutenção da saúde mental (MENEZES, 2021).

Lazer é um dos direitos sociais assegurados pela Constituição Federal a todo cidadão. No entanto, o acesso a ele mostra-se dificultado, mostrando-se um paradoxo. Para transformar essa realidade, há que se ofertar as diversas possibilidades do lazer a todos e preparar o cidadão para que faça suas próprias escolhas, por meio da

consciência proporcionada pelo duplo aspecto educativo do lazer: a educação pelo e para o lazer (PIMENTEL; SANTOS; BOARETTO, 2014).

O primeiro, a educação pelo lazer, refere-se ao aspecto da utilização das atividades de lazer para além da recreação, do entretenimento e do descanso, ampliando sua utilização para trabalhar valores, condutas, comportamentos e conhecimentos por meio delas (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012; PIMENTEL; SANTOS; BOARETTO, 2014). Já a educação para o lazer promove autonomia ao cidadão.

O indivíduo pensa ser livre para escolher o que fazer com o seu tempo livre. No entanto, somos bombardeados com as compensações consumistas, ao mesmo tempo que só nos é possível fazer aquilo que nossa classe social, gênero, escolaridade, enfim, nosso contexto social permitir. Assim, a educação para o lazer mostra-se imprescindível para mudar essa realidade de aprisionamento para liberdade de escolha (PIMENTEL; SANTOS; BOARETTO, 2014).

Dessa forma, a importância do tema justifica a presente pesquisa, cujo objetivo foi identificar e comparar os interesses culturais do lazer que os servidores públicos federais aposentados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação mais praticavam e os que mais gostavam de praticar antes da pandemia.

## **Materiais e Métodos**

A presente investigação diz respeito a parte dos resultados apontados em pesquisa de mestrado, cujos dados foram coletados em 2017 e a defesa ocorrida em 2018. Trata-se de um estudo de caráter descritivo e exploratório. Os estudos descritivos fazem-se necessários para conhecer a amostra analisada e relacionar as variáveis encontradas, além de, segundo Gray (2012, p. 180), “verificar atitudes, valores e

opiniões”. Já os estudos exploratórios são utilizados para atingir maior familiaridade com temas pouco explorados e ampliar os estudos existentes (GIL, 2017).

Quanto à abordagem, este é um estudo misto, o qual acompanha os avanços da pesquisa científica, que cada vez mais tem buscado cessar a luta por ideologias e incorpora, também no campo das ciências humanas e sociais, os pontos fortes das pesquisas de caráter qualitativo e quantitativo, simultaneamente e de forma complementar, em prol dos avanços (GRAY, 2012; MINAYO, 2015).

A população estudada foi composta por 374 servidores públicos federais do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, entre homens e mulheres de 48 a 94 anos à época, que corresponde ao número total de aposentados da autarquia na data de 1º de abril de 2016. Desse universo, foi selecionada uma amostra a partir da adesão voluntária de participantes para a pesquisa.

Para participar da pesquisa, além de ser aposentado da autarquia, o participante obrigatoriamente deveria residir no Distrito Federal e estar aposentado há pelo menos um ano da data de obtenção das informações sobre a população, ou seja, em 1º de abril de 2017, totalizando 254 pessoas. Como critério de exclusão foram utilizados os seguintes aspectos: a impossibilidade de encontrar o aposentado após 3 (três) tentativas mínimas de contato telefônico, a incompreensão dos esclarecimentos feitos por telefone quando da apresentação da pesquisa, a negativa de desejo de participação na pesquisa, e falta à entrevista sem remarcação por parte do voluntário.

Antes do início da coleta, realizou-se um estudo piloto com 5 servidores públicos aposentados de órgãos distintos ao do público alvo dessa pesquisa, a fim de se familiarizar com os testes e os procedimentos. Nesse momento verificou-se a necessidade de algumas alterações que visassem a melhoria dos instrumentos e dos

procedimentos de coleta, tais como adequações na elaboração de perguntas e mudanças na ordem das aplicações dos instrumentos.

Posteriormente, do universo de 245 servidores, a pesquisadora entrou em contato com 81 via telefone por, no mínimo, três tentativas, no período compreendido entre 20 de maio e 28 de agosto de 2017. Desses, 41 não atenderam, não quiseram participar, ou ficaram de dar retorno e não retornaram; 3 faltaram à entrevista, sem remarcar-la; e 37 participaram da pesquisa e demonstraram entendimento e compreensão sobre o que estava sendo perguntado. Na ocasião do contato telefônico, os que atenderam foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e convidados a participar.

Assim, o perfil dos 37 servidores públicos aposentados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE que participaram da amostra foi de pessoas com idade entre 50 e 95 anos, sendo a média de 64,89 anos  $\pm$  7,863. Ao todo foram 25 (67,6%) mulheres e 12 (32,4%) homens. O tempo médio de aposentadoria dos entrevistados desse grupo foi de 13 anos e 3 meses  $\pm$  9 anos e 2 meses, sendo o tempo mínimo de 1 ano e 4 meses e o máximo de 26 anos e 9 meses.

A aplicação dos instrumentos foi feita da seguinte forma: primeiramente, foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada participante, a qual possui um roteiro de perguntas preestabelecidas, mas que permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto abordado (GIL, 2019). Em seguida, a fim de avaliar a prática do lazer, foi aplicada a avaliação de preferência de atividades de lazer de Sousa *et al.* (2014), já aplicada anteriormente em estudo sobre compreensão e vivência de lazer de estudantes de curso de Licenciatura em Educação Física vinculados a uma Instituição de Ensino Superior no Distrito Federal, cuja média de idade era de 23,3 anos, e adaptada ao público-alvo deste estudo, a fim de atender os objetivos buscados.

Esse instrumento é estruturado em perguntas respondidas em escala *Likert* de cinco níveis, sendo: 1 – nunca, 2 – pouco, 3 – às vezes, 4 – com frequência, 5 – sempre, e por perguntas abertas, com vistas a investigar a prática do lazer e os possíveis fatores que a impedem, além das preferências da amostra em relação aos interesses culturais do lazer, a fim de confrontar prática com preferência. Por fim, foi aplicado um questionário sociodemográfico para verificação da composição da amostra.

Aqueles que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE antes do início da aplicação dos instrumentos, oportunidade em que foram mais uma vez esclarecidos pela pesquisadora dos objetivos e procedimentos a serem realizados naquele momento.

As coletas aconteceram em local e horário agendado com o participante, de acordo com sua conveniência e disponibilidade, tendo sido escolhidos a própria casa, uma sala vazia no ambiente físico do FNDE ou em seu local de trabalho atual, ou ainda ambientes públicos considerados calmos e tranquilos.

Todos os instrumentos foram aplicados pela própria pesquisadora. O tempo médio de duração foi de 40 minutos.

Para a análise dos dados quantitativos, foram feitos dados descritivos da amostra por meio de médias, desvios padrões e frequência. O programa utilizado para essa análise foi o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS-IBM) para ambiente Windows, versão 22.0 devidamente registrado. Os dados das entrevistas semiestruturadas foram analisados pelo *software* Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ).

Este trabalho foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Católica de Brasília – UCB, e o parecer consubstanciado emitido em 22 de fevereiro de 2017, sob o CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética)

nº 64589717.8.0000.0029, estando de acordo com as normas estabelecidas pela Resolução N° CNS 466/12.

## **Resultados e Discussão**

A pesquisa, cujo objetivo foi identificar e comparar os interesses culturais do lazer que os servidores públicos federais aposentados do FNDE mais praticavam e os que mais gostavam de praticar antes da pandemia, contou com a aplicação do instrumento de avaliação de práticas de lazer. Para tanto, apresentou o julgamento de cada indivíduo quanto a despende algum tempo com o próprio lazer e, em seguida, a respeito de uma série de atividades de lazer, inseridas dentro de cada interesse cultural, relacionado à autopercepção de realização daquela atividade, frequência e local que pratica, e os motivos de não praticá-la, se fosse o caso. No final, os participantes foram questionados quanto aos interesses culturais do lazer que mais gostavam de praticar por ordem decrescente de preferência.

Assim, as atividades de lazer foram agrupadas por interesse cultural e foram identificados quais os mais praticados pela amostra do grupo de servidores públicos federais aposentados e quais os que eles mais gostavam, estabelecendo uma comparação entre esses dois achados, conforme verifica-se na tabela a seguir:

**Tabela 01: *Ranking* das Atividades de Lazer mais praticadas e das que mais gostavam**

Ranking	Mais praticados	%	Mais gostavam	%
1º	Virtuais	70,3%	Turísticos	24,3%
2º	Físicos-esportivos	70,2%	Sociais	21,6%
3º	Intelectuais	62,1%	Físicos/esportivos	18,9%
4º	Turísticos	51,3%	Artísticos	10,8%
5º	Manuais	40,5%	Intelectuais	10,8%
6º	Sociais	35,6%	Manuais	8,1%
7º	Artísticos	14%	Virtuais	5,4%

Fonte: Banco de dados da pesquisa.  
Elaboração da autora.

Considerou-se aqueles que responderam praticar a atividade com frequência ou sempre como praticantes, enquanto os que responderam às vezes, pouco ou nunca foram considerados como não praticantes daquela determinada atividade. Assim, chegou-se a esse resultado com o cálculo de quantos entrevistados responderam praticar as atividades constantes na avaliação de práticas de lazer de cada interesse cultural, sendo que para os que tinham mais de uma atividade foram calculadas as médias.

Dessa forma, ao iniciarmos a análise da tabela 01, no que se refere aos interesses culturais do lazer, verifica-se que as atividades mais praticadas não são as que os entrevistados mais gostavam.

Quanto aos primeiros dados analisados, os interesses culturais virtuais, 54% declararam utilizar computador, *notebook* e/ou *tablete*, e 86,5% afirmaram utilizar telefone celular ou *smartphones*, seja para realizar ligações telefônicas, trabalho, acessar e-mail e redes sociais, realizar pesquisas, jogar, fazer cursos, acessar bancos, ver notícias, comprar passagens, utilizar localizador, ver e fazer fotografias e vídeos e fazer orações.

Em média esses entrevistados utilizavam 10,66 horas ( $\pm 13,227$ ) por semana para se dedicar à utilização do computador, sendo que as respostas variaram de 1 a 60 horas, e 20,10 horas ( $\pm 19,33$ ) por semana para a utilização do *smartphone*, sendo que as respostas variaram de 2 a 84 horas semanais. Isso demonstra que, para o grupo analisado, havia uma familiaridade com o meio virtual desde, pelo menos, 2017, quando foram feitas as entrevistas da presente pesquisa. Os que não utilizam computadores alegaram não saber mexer, não gostar, não ter necessidade e não ter computador, e os que não utilizavam *smartphone* alegam não terem para quem ligar, não gostarem de cobrança e terem um pouco de aversão.

Esses dados chamam atenção para uma situação paradoxal em que a atividade que eles menos gostavam, a virtual, é a que mais praticavam. Essa situação pode ocorrer devido à dificuldade que essas pessoas apresentem em encontrar opções de lazer, à necessidade de se manter mais próximas às pessoas e ao meio social, ainda que de forma virtual, e ainda por dificuldades de locomoção ou problemas de saúde que impeçam movimentos e deslocamentos.

As atividades esportivas estavam entre as mais praticadas e também entre as que eles mais gostavam. Assim como a amostra pesquisada, na penúltima pesquisa Idosos no Brasil, realizada em 2007, mais da metade dos participantes praticavam atividades físicas, sendo a caminhada a modalidade mais praticada – 51% (DOLL, 2007). Em 2020, a mesma pesquisa encontrou 44% dos depoimentos afirmando preferirem praticar atividades de lazer fora de casa, e dentre elas, atividades físicas foi a terceira mais comentada, representando uma diminuição dos praticantes de atividades físicas. A caminhada continuou sendo a modalidade mais praticada (SESC, 2020).

Nas entrevistas, podemos verificar diversos perfis em relação à atividade física, conforme os depoimentos abaixo:

Eu faço atividade física há muitos anos, mesmo quando eu trabalhava eu já fazia, mas era bem menos, eu fazia uma atividade física só, porque não dava tempo, eu fazia sempre à noite, ou na hora do almoço, então era uma só. Hoje eu faço duas atividades físicas por dia: eu faço uma caminhada e um outro exercício, dois dias na semana eu faço natação e três dias eu faço ginástica (P11).

Eu conversei com o meu médico e ele disse: o que é que você está fazendo na sua aposentadoria? Nada! Como assim nada?! Um dos fatores primordiais para você controlar tudo em você é você fazer exercício! E despertou em mim aquilo ali. Eu fui ao outlet, comprei o melhor tênis, o mais confortável possível, e tudo tranquilo, agora se tornou um hábito. Dá 6 horas da manhã, eu já quero tomar o meu café, colocar o tênis e andar (P3).

Nesses dois depoimentos distintos podemos verificar a teoria da atividade do envelhecimento em prática. Tal teoria tem como premissa que um envelhecimento bem-sucedido depende de vinculações com atividades, tanto as que já eram tidas como hábito

durante a vida da pessoa, como outras novas que o momento atual pode propiciar, representando alternância de papéis ao longo da vida (SIQUEIRA, 2001; FALEIROS; SILVA, 2012). A diferença é que a vivência de determinada atividade de lazer ao longo da vida demonstra uma tendência de essa ser mais facilmente incorporada na rotina da pessoa, em um claro exemplo do duplo aspecto educacional do lazer (SEIDL, 2014).

O estudo feito por Faleiros e Silva (2012) com idosos corrobora com essa visão, pois aponta que, entre os desejos desses, há o de continuidade das atividades tida como *habitus* ao longo da própria vida, inclusive das atividades de lazer. Também é possível verificar que muitos idosos passam a praticar atividade física de maneira rotineira por recomendações médicas para manter a saúde e acabam tomando gosto e tornando essa atitude um hábito.

Atividades intelectuais, especialmente leituras, eram muito praticadas por esse grupo, mas estavam entre as que menos gostavam. Na amostra pesquisada, o alto nível de escolaridade é uma realidade: 70% possui ensino superior completo. Esse é um ponto a ser ressaltado, visto não ser esse o retrato da realidade do idoso brasileiro. Na pesquisa Idosos no Brasil realizada em 2020, a parcela dessa população com ensino superior completo é de 16% (SESC, 2020).

No entanto, o alto índice de leitura por parte do grupo pesquisado corrobora com a afirmação de Melo e Alves Júnior (2012) de que essa atividade encontra momento propício na velhice, em que existe tempo para se dedicar aos assuntos que outrora ficaram para trás por não estarem na prioridade do dia-a-dia. Ela também é das atividades de lazer mais praticadas por idosos, segundo a pesquisa Idosos no Brasil realizada em 2007 (DOLL, 2007) e a realizada em 2020 (SESC, 2020), em que 61% das pessoas praticam a leitura e essa é a terceira atividade de lazer mais praticada.

No caso da amostra da presente pesquisa, ser a terceira atividade que esse grupo menos gostava nos leva a refletir que, apesar de muitos indivíduos terem a leitura como um hábito, eles não a consideravam como uma atividade de lazer, pois poderia significar mais uma opção para passar o tempo do que um prazer.

As atividades turísticas ocuparam o quarto lugar das atividades mais praticadas e a primeira em termos de preferência, ou seja, eles gostavam muito de viajar, o que confirma o “fetiche” por esse tipo de atividade citado por Camargo (2017) e a necessidade de quebra de rotina também na aposentadoria. Ferrigno (2016) constata que viajar é um dos maiores sonhos atrelados à aposentadoria. Todavia, o desejo de praticar essa atividade esbarra em questões financeiras, de saúde ou de falta de tempo.

Essa preferência está em consonância com os achados da pesquisa Lazer no Brasil, na qual todas as classes sociais e econômicas, quando questionadas, mostraram preferência por unanimidade pelas atividades turísticas, de acordo com Pedrão e Uvinha (2017). Sem embargo, as pessoas com maior faixa de renda costumam ter condições de viajar com maior frequência, visto que, ainda de acordo com a pesquisa Lazer no Brasil, aqueles que possuem renda superior a 20 salários-mínimos têm o turismo como equivalente a 50,9% das atividades exercidas nas férias, o que não corresponde à realidade do restante das pessoas.

Portanto, esse fato só nos faz constatar que o direito ao lazer esbarra nas barreiras de acesso a essas atividades, tais como a questão financeira. No caso dos idosos, exercer o lazer da maneira como gostariam passa por questões como estereótipos relacionados à população idosa, fatores econômicos e a dificuldade de acesso aos espaços de lazer, sendo que “as condições econômicas representam um entrave na medida em que tende a haver uma queda na renda das pessoas quando se aposentam” (SEIDL, 2014, p. 238).

Ainda sobre o âmbito das atividades turísticas, existiu uma clara resistência por parte do grupo pesquisado em ocupar a própria cidade e usufruir de seus espaços, inclusive turísticos, visto que a amostra não tinha o hábito de visitar esses pontos, alegando que o faziam apenas quando recebiam pessoas de fora que queriam conhecê-los. Notou-se certo desprezo por essa atividade, em que muitos demonstraram ser essa repetitiva e desinteressante.

Houve uma clara tendência em entender pontos turísticos somente como aqueles monumentos e locais distantes fisicamente. Nitidamente, a amostra não percebeu que no dia-a-dia estamos constantemente usufruindo dos pontos turísticos da cidade, sejam aqueles que passam por pontes diariamente para o deslocamento e aproveitam para observar o lago, sejam os que usufruem de rios para tomar banho, sejam os que vão jantar no Pontão do Lago Sul, sejam os que costumam ir com a família ao Eixão do Lazer ou ao Parque da Cidade aos domingos, dentre tantas formas de uso da cidade.

Cabe ressaltar que a cidade em si é o nosso principal destino turístico (CAMARGO, 2017). Falta-nos tomar posse dela, visto que para exercer uma atividade turística não é necessário se deslocar para fora da cidade, e sim apropriar-se dela, conforme afirmam Silva e Sampaio (2011), em um movimento de aproximação do cidadão de sua cidade e das potencialidades que ali residem (MELO, 2004).

Notou-se entre os entrevistados uma grande dificuldade em definir atividades manuais, bem como em afirmar se a praticavam ou não. O questionamento quanto ao que seriam esses interesses culturais foi quase que unânime, e os entrevistados foram incentivados a responderem de acordo com o que julgavam ser essas atividades. Isso nos levou a compreender que havia o entendimento sobre o conceito, mas sem uma associação inicial de que essas atividades são opções de lazer.

Isso porque, para 97,3% dos entrevistados, as atividades apontadas foram questões relacionadas à manutenção da casa onde vivem atreladas a demonstrações de falta de interesse e de prazer nessas práticas, o que pode descaracterizar o sentido de lazer nelas. As atividades manuais estão entre as menos praticadas e também entre as que menos gostavam, o que nos leva também à desconstrução do estereótipo de envelhecimento em que a imagem do idoso é constantemente associada à de alguém dentro de casa fazendo tricô. Essa é apenas uma entre tantas opções.

Em 2007 a pesquisa Idosos no Brasil identificou entre as atividades de lazer mais praticadas pelos idosos participantes o cuidar de plantas (63%), o cuidar de animais (43%) e o bordado/tricô (16%). Essas atividades ainda se mostravam mais praticadas entre as mulheres (DOLL, 2007). Já em 2020 (SESC, 2020), essas atividades estão sendo menos praticadas, visto que 9% apenas pratica bordado e crochê, por exemplo.

Constata-se que, ao longo do tempo, a forma de viver a velhice se ampliou, e o interesse por esse tipo de atividade é transformado e ampliado, como, por exemplo, para o interesse por viajar e estar conectado ao mundo virtual como forma de se manter parte do contexto no qual estão inseridos, como demonstram os dados desta pesquisa. Esses dados estão em acordo com os dados da pesquisa Lazer no Brasil, em que as atividades manuais estiveram entre as menos realizadas e as menos desejadas pelos brasileiros entrevistados (MAYOR; ISAYAMA, 2017).

Mas, um ponto importante a considerarmos é a afirmação de Camargo (2017) de que as atividades manuais levantam uma bandeira contra o estilo de vida consumista, o que faz sentido, visto que estamos cada vez mais inseridos na sociedade de consumo em massa, em que o descartável prepondera e, talvez por isso, as pessoas têm feito cada vez menos as coisas em casa e cada vez mais pagado para outrem fazê-lo.

As atividades de interesse social estiveram em penúltimo lugar das atividades mais praticadas, o que não condiz com a pesquisa Lazer no Brasil, em que 64,6% dos brasileiros participantes declararam praticar atividades sociais durante o final de semana (BAHIA; BRITO, 2017). No entanto, apesar de pouco praticadas, essas atividades foram extremamente valorizadas pelo grupo de aposentados pesquisados.

Esse fato nos leva a uma reflexão sobre o processo de isolamento possível de acontecer durante a aposentadoria, principalmente quando essa é encarada como crise (FRANÇA, 2014). O afastamento do ciclo de relações do ambiente de trabalho foi muito relatado entre os participantes como uma perda advinda da aposentadoria, e que muitos não souberam como repaginar. Nesse aspecto, constata-se a necessidade de uma preparação para aposentadoria para que a pessoa tenha ferramentas para lidar com essa situação.

O maior objetivo dos Programas de Preparação para Aposentadoria é conscientizar o trabalhador de que haverá mudanças, em que o trabalho até então executado não existirá mais na vida da pessoa, e que existe vida após esse momento. Faz-se primordial o estabelecimento de novas definições para a vida, especialmente sobre como administrar o maior tempo livre que estará disponível, inclusive por uma nova carreira, se for o caso (GUGEL, 2016).

Questões como dificuldade de locomoção, reduzidos convites a momentos sociais, crescente número de morte de parentes e amigos devem ser encaradas e minimizadas para que se consiga lidar com esses quadros da melhor forma possível. Segundo Faleiros e Silva (2012, p. 364), “as trocas sociais configuram uma questão fundamental para a vida em sociedade na velhice, rompendo-se o isolamento”.

Por fim, as atividades artísticas ocuparam o último lugar das atividades praticadas, mas ficaram em um patamar mediano em termos de preferência. Melo e

Alves Júnior (2012) afirmam que, em relação a esse interesse cultural do lazer, historicamente, o acesso ao conteúdo artístico é restringido a uma pequena parcela da população, sendo a arte, na maior parte das vezes, associada à cultura erudita. Assim, para a maior parte da população, o contato fica limitado apenas às culturas de massa que é a produzida pela indústria cultural para o consumo em larga escala.

Portanto, essa discrepância entre prática e desejo relacionada aos interesses culturais artísticos pode ocorrer devido à falta de hábito que a população brasileira apresenta de incorporar essas atividades em sua vida cotidiana e que se estende pela velhice, acentuada pelas questões de caráter financeiro – visto que, em ambas as pesquisas Idosos no Brasil, realizadas em 2007 e 2020, o principal fator que impedia os idosos de exercer o lazer era a falta de recursos financeiros, seguido de falta de saúde (DOLL, 2007; SESC, 2020).

Por outro lado, segundo Ferrigno (2016, p. 354), “há indícios que nos levam a crer que os idosos têm tido, nos últimos anos, mais acesso à cultura”. De acordo com o autor, possivelmente isso se deve ao maior conhecimento por parte da população como um todo dos benefícios físicos e psicológicos proporcionados pela vivência do lazer, do crescimento do interesse pelos idosos como consumidores por parte da indústria do entretenimento e pela maior oferta de programas por parte das ONGs e instituições públicas e privadas. Entretanto, o amplo acesso à cultura está longe de ser alcançado, conforme verificamos nos dados coletados da amostra em questão.

Devemos atentar para os apelos de Silva e Sampaio (2011) e Melo e Alves Júnior (2012) a fim de que não demos espaço para que essa distância entre arte e seres humanos aconteça, e isso ocorre com o estímulo à vivência do estético e do belo tanto de forma ativa quanto contemplativa, encorajando as pessoas inclusive para que se expressem por meio da arte, fazendo-as acreditar que todos somos capazes. Diante desse

resultado, ressaltamos a importância dessa vivência do aspecto estético como um espaço de sonhos e de encantamentos ao qual Camargo (2017) se refere.

Dessa forma, primeiramente precisamos salientar a necessidade de que as atividades de lazer façam sentido para aqueles que a praticam. Para tanto, a participação ativa dos principais interessados, nesse caso servidores públicos aposentados, na construção do próprio lazer é primordial para que esse esteja inserido dentro da sua realidade e de seus desejos, para a partir de então ser um caminho para a autorrealização. Essa necessidade pôde ser constatada em pesquisa realizada com idosos integrantes de Centros de Convivência de Idosos do Paraná, em que as atividades de lazer exercidas nesses locais não eram aquelas às quais eles gostariam de se dedicar (WAGNER; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2018).

Para que os momentos de lazer tragam prazer e façam sentido, estes devem se coadunar com os valores do indivíduo. É grande a quantidade de pessoas que experienciam tédio, ansiedade e desesperança durante o tempo livre (SEIDL, 2014, p. 231).

Também é possível verificar que o lazer, que deveria ser uma escolha, muitas vezes é exercido em função de fatores externos, tais como ambiente social, apelos da mídia, ausência de transporte público ou estacionamento adequado, e internos, como inseguranças, falta de disposição física ou de mobilidade, os quais impedem o seu exercício de forma plena. Segundo Ferrigno (2016), faz-se necessário uma ação educacional em relação à prática do lazer, denominados educação pelo e para o lazer, ao longo de toda a vida do indivíduo, para que efetivamente o lazer possa ser praticado como uma escolha livre, e não pela falta de opções.

Como se verifica na amostra pesquisada, esses aposentados não estavam vivenciando seus momentos de lazer da forma como gostariam, e sim da forma como era possível. Segundo Gruber e Stoppa (2017, p. 90), esse descompasso entre querer fazer e efetivamente fazer determinada atividade está ligado “ao restrito entendimento

do lazer e/ou do ócio em nosso cotidiano, aliado ao fato de algumas vivências de lazer serem pouco oferecidas, dificultando às pessoas a possibilidade de escolha entre as várias opções”. Refletir sobre as condições sociais que levam a isso faz com que o processo de empoderamento se inicie.

Nessa perspectiva, há de se considerar que, o simples ato de participar da pesquisa proposta, em que as questões apontadas foram colocadas em pauta e levaram à autorreflexão sobre o seu próprio lazer, mostrou-se grande ferramenta e oportunidade de exercitar a educação para o lazer. As reações dos pesquisados demonstraram que há uma tendência de passarmos por toda a vida sem refletirmos profundamente sobre os significados do lazer para nós mesmos, que lugar ele ocupa em nossas vidas, que lugar gostaríamos que ocupasse, e o que podemos fazer para que ele seja fonte de felicidade, e não de frustrações.

Devemos frisar que os dados foram coletados em 2017 e, portanto, antes da pandemia decretada pela Organização Mundial da Saúde – OMS em 11 de março de 2020 (OPAS, 2020). Em que pese ser essa uma observação importante para a análise dos dados aqui apresentados, a presente pesquisa se mostra como valioso parâmetro para futuras pesquisas que venham a comparar hábitos e desejos de práticas de lazer de idosos antes e (durante) após a pandemia.

Nesse aspecto, é pertinente trazer alguns exemplos para reflexões. A recomendação para esse momento de mudanças de hábitos de caráter global é de que pessoas em isolamento social devem manter momentos de lazer, tais como leituras, filmes, conversas e contatos sociais online, para fins de manutenção da saúde mental nesse momento (FIOCRUZ, 2020). Segundo revisão de literatura realizada por Menezes (2021), a forma de minimizar os impactos negativos advindos da pandemia, como estresse, ansiedade e depressão, está na prática do lazer virtual.

Isso se apresenta no estudo de Ribeiro *et al.* (2020), onde foi possível perceber os impactos da pandemia da Covid-19 no lazer de adultos e idosos, já que os idosos afirmaram ter sentido falta das atividades sociais e tentaram utilizar-se do lazer virtual para mantê-las, inclusive tendo possibilidades de estarem presentes em lives musicais que antes não tinham, aumentando seu lazer artístico. Os interesses manuais e intelectuais se mantiveram e os interesses turísticos e esportivos foram prejudicados em função da necessidade de distanciamento. Em uma breve análise, percebe-se que entre as atividades de lazer que antes eram praticadas, muitas puderam ser adaptadas, especialmente por meio virtual. As atividades importantes para cada indivíduo foram reinventadas, quando possível.

Quando trazida para a amostra da presente pesquisa, o lazer que antes eles mais praticavam, mas não gostavam, o virtual, passou a ser das poucas maneiras de acessar outros diversos tipos de lazer. E aquele grupo de idosos, que já possuía familiaridade com o mundo virtual, pode ter usufruído desse acesso e dessas habilidades conquistados para amenizar as adversidades desse momento de isolamento na pandemia. Essa é uma discussão precisa levar em conta a dificuldade de acesso às tecnologias que determinadas parcelas da população ainda enfrentam, o que torna o acesso às atividades desigual para as diversas parcelas da população. Esses são apenas alguns pontos que exemplificam quão rica é essa discussão.

Por fim, lembramos que a pesquisa científica que envolve idosos e lazer é incipiente quando comparada com áreas como Ciências da Saúde (VIEIRA; FREITAS JÚNIOR, 2019). Assim, sugerimos que mais pesquisas sejam feitas especificamente com esse público, dadas as suas particularidades, no período durante e após a pandemia, a fim de que haja dados e informações que subsidiem ações e políticas voltadas à essa

parcela da população. Pesquisas nesses moldes mostram-se necessárias, porém ainda são escassas.

### **Considerações Finais**

No dia-a-dia, o lazer foi praticado pela maioria dos entrevistados de maneira satisfatória em relação ao tempo dedicado. No entanto, verificou-se na amostra que os tipos de atividades praticadas não condiziam com aquelas que desejariam se dedicar, dado esse que nos indica a necessidade de se trabalhar com o duplo aspecto do lazer – educação para e pelo lazer – com essa população ao longo de toda a vida para que ele, o lazer, seja melhor vivenciado e usufruído quando chegada a fase da aposentadoria.

Ressalta-se a falta de algumas atividades de lazer, consideradas importantes pelo grupo pesquisado, como uma limitação do instrumento de avaliação de práticas de lazer, tais como passear no shopping e frequentar bares. Portanto, registramos aqui a sugestão de futuras pesquisas que se empenhem em validar instrumentos de avaliação de lazer, principalmente para grupos segmentados, tais como os idosos.

Por fim, registramos a sugestão de que seja feita nova pesquisa em 2022, especialmente com o público idoso, a fim de comparar dados de antes, durante e após a pandemia e a situação de isolamento social por ela imposta. Como esse momento trouxe às pessoas reflexões sobre a finitude da vida, restam a especulação e a esperança de que tudo o que dá prazer na vida seja encarado como prioridade a partir de então. Essa poderá ser uma força motriz para que as pessoas passem a fazer aquilo que eles mais gostam, e assim a vida tenha mais sentido.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, Mirleide Chaar; BRITO, Ronivaldo dos Santos. O lazer do brasileiro: como é vivenciado o tempo. *In*: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. p. 95-109.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. Brasiliense, 2017.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. *In*: NERI, Anita Liberalesso (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. p. 109-123.

FALEIROS, Vicente de Paula; SILVA, Simone Fontenelle da. Trabalho, aposentadoria e lazer como habitus segundo idosos que frequentam bares. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 17, n. 2, p. 353-371, 2012.

FERRIGNO, José Carlos. O cidadão idoso: consumidor e produtor cultural. *In*: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

FIOCRUZ - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de Covid-2019: a quarentena na Covid-2019, orientações e estratégias de cuidado, 2020. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha\\_recomendacoes\\_gerais\\_06\\_04.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04.pdf). Acesso em: 09 ago. 2020.

FRANÇA, Cristineide Leandro. Aposentadoria: Crise ou Liberdade? *In*: MURTA, Sheila Giardini; FRANÇA, Cristineide Leandro; SEIDL, Juliana (org.). **Programas de educação para aposentadoria: como planejar, implementar e avaliar**. Novo Hamburgo: Synopsus, 2014. p. 54-65.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2019.

GONÇALVES, Patrick da Silveira.; HERNANDEZ, Salma Stéphany Soleman; RONCOLI, Rafael Nichele. **Recreação e lazer**. Porto Alegre: SAGAH, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595025998/>. Acesso em: 24 set. 2021.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GRUBER, Gabriela Varjão; STOPPA, Edmur Antonio. O lazer do brasileiro: representações e concretizações nos espaços e equipamentos. *In*: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer no Brasil: representações e**

concretizações das vivências cotidianas. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. p. 81-94.

GUGEL, Maria Aparecida. O direito ao trabalho, a preparação e a conquista da aposentadoria. *In*: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 225-240.

ISAYAMA, Hélder Ferreira; GOMES, Christianne Luce. O lazer e as fases da vida. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

MARCELLINO, Nelson. **Estudos do lazer: uma introdução**. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. *In*: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. p. 19-36.

MELO, Victor Andrade de. Verbete Conteúdos Culturais. *In*: GOMES, Christianne (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.51-54.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. 2.ed. Editora Manole, 2012.

MENEZES, Suzy Kamylla de Oliveira. Lazer e Saúde Mental em Tempos de Covid-19. **Licere**, v. 24, n. 1, p. 408-446, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 9-29.

NETTO, Matheus Papaléo. Estudo da Velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. *In*: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde - Brasil. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. 11 de mar. 2020. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812). Acesso em: 30 out. 2020.

PEDRÃO, Cinthia Casimiro; UVINHA, Ricardo Ricci. O lazer do brasileiro: discussão dos dados coletados em escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça. *In*: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. p. 37-47.

PIMENTEL, Giuliano; SANTOS, Silvana; BOARETTO, Juliana. Educação Para e Pelo Lazer: um diálogo étnico e cultural. *In*: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira Sampaio (org.).

**Lazer e cidadania:** partilha de tempo e espaços de afirmação da vida. Brasília: Universa, 2014. p. 105 -128.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira *et al.* Os impactos da pandemia da covid-19 no lazer de adultos e idosos. **Licere**, v. 23, n. 3, p. 391-428, 2020.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo Virtual do lazer-contemporizando Dumazedier. **Licere**, v. 6, n. 2, 2003.

SEIDL, Juliana. (Re)descobrimo o Lazer na Aposentadoria. *In:* MURTA, Sheila Giardini; FRANÇA, Cristineide Leandro; SEIDL, Juliana (org). **Programas de educação para aposentadoria:** como planejar, implementar e avaliar. Novo Hamburgo: Synopsis, 2014. p. 227-250.

SESC. Idosos no Brasil II: vivências, desafios e expectativas na 3ª idade. 2020. p.8, 23-24. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/idosos-no-brasil-vivencias-desafios-e-expectativas-na-terceira-idade/>. Acesso em: 29 set. 2021.

SILVA, Junior Vagner Pereira; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. O lazer e suas diversas faces. *In:* SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da (org.). **Lazer e cidadania:** horizontes de uma construção coletiva. Brasília: Universa, 2011. p. 45 -61.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Teorias sociológicas do envelhecimento. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento.** Campinas: Papirus, 2001.

SOUSA, Antonio Bonifácio Rodrigues de. **Velho, eu? a consciência do envelhecer.** Rio de Janeiro: Galenus, 2017.

SOUSA, Ioranny Raquel; MAZZOCCANTE, Raffaello Pinheiro; MELO, Gislane Ferreira de; SILVA, Junior Vagner; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. A experiência de lazer de estudantes do curso de licenciatura em Educação Física de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 1, 2014.

VIEIRA, Ana Flávia Braun; FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. A terceira idade e o lazer: análise das produções brasileiras nas Ciências Humanas e Sociais que relacionaram seus objetos ao lazer de idosos (1994-2015). **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 41, n. 1, p. 40055, 2019.

WAGNER, Valdilene; OLIVEIRA, Leonardo Pestillo de; ALMEIDA, Maria Angela Garcia de. Lazer nos centros de convivência dos municípios da região norte do Paraná. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER, 3., 2018, Campo Grande, MS. **Resumos...** Campo Grande, MS: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2018. p. 96.

**Endereço das Autoras:**

Paula Leite Antunes de Macedo  
Endereço eletrônico: paulamilk2002@yahoo.com.br

Gislane Ferreira de Melo  
Endereço eletrônico: gislane.melo@gmail.com